



## O estilo que se desenrola no *Rola ou Enrola?*<sup>1</sup>

João Paulo HERGESEL<sup>2</sup>

Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

### RESUMO

Programas de auditório são macronarrativas em que habitam várias diegeses, cada qual com seus enredos e personagens específicos; são os chamados quadros. O dominical *Eliana* (SBT, 2009-) enquadra-se nesse perfil, abrangendo, dentre tantos microuniversos compostos por (in)finitos recursos expressivos, o semanal *Rola ou Enrola?*. Com a intenção de discutir os efeitos estilísticos responsáveis por manter interesse do espectador em um quadro de namoro prestes a completar um quadriênio no ar, questionou-se o que há de peculiar, em sentido comunicacional e cultural, no objeto em evidência. Para isso, destacou-se o programa exibido em 15 de março de 2015 e, por meio de uma análise estilística do conjunto audiovisual, pautada nos estudos todorovianos e lotmanianos, buscou-se conhecer a construção de um produto televisivo de cunho afetivo e seu reflexo na sociedade telespectadora.

**PALAVRAS-CHAVE:** análise de produto audiovisual; televisão; narrativas midiáticas; estilística; SBT.

### Um prólogo rolando na esteira

*Rola ou Enrola?*, uma das células audiovisuais responsáveis por compor o dominical *Eliana* (2009-) desde 30 de outubro de 2011 (cf. ELIANA, 2011), é a versão brasileira de *Conveyor Belt Of Love* – ou Esteira Rolante do Amor, em tradução livre e literal. *Game show* de cunho afetivo produzido pela Endemol e focado na formação de casais que desejam iniciar um relacionamento sério, o produto, exportado primeiramente para a Polônia e posteriormente aterrissado no Brasil, recebe a seguinte sinopse:

A cada programa, 5 garotas, sempre as mesmas, sentam-se frente a uma esteira rolante que as apresenta um novo homem a cada 60 segundos. Cada rapaz tem apenas um minuto para se apresentar e tentar impressionar as garotas da maneira que preferir: cantando, dançando, recitando uma poesia, etc. Ao final do programa cada garota deve ter escolhido um candidato, nem um a mais, nem a menos. Seus encontros serão filmados e veiculados no site do programa e no episódio seguinte (ENDEMOL, 2009, p. 1).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Doutorando em Comunicação pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM). Mestre em Comunicação e Cultura e licenciado em Letras pela Universidade de Sorocaba (Uniso). Membro do Grupo de Pesquisa em Narrativas Midiáticas (Uniso/CNPq). Contato: j.hergesel@edu.uniso.br. Orientação: Prof. Dr. Rogério Ferraraz.



Ao adaptar o produto para quadro de um programa de auditório – e conseqüentemente, com a inserção de uma plateia e uma apresentadora – e colorir o cenário, destacando-se a esteira com tons mais claros e vibrantes, o SBT realizou uma alteração estilística. Essa mudança não ocorreu apenas no título – transformado em interrogativa direta composta, concomitantemente, por paronomásia e antítese, extrapolando a sonoridade e a lógica – e no formato, mas também no impacto cultural proposto pelo programa, que já se mantém no ar, na televisão aberta brasileira, há quase quatro anos.

No contexto de programas de namoro, os meios nacionais já exibiram formatos distintos merecedores de pesquisas científicas. Pode-se enumerar como casos: *Em Nome do Amor* – do SBT (FERNANDES, 2002); *Fica Comigo* – da MTV (SOARES, 2007); *Namoro na TV*, *Xaveco* e *Namoro na TV e Etc.* – os três do SBT (GALVÃO; DUCA, 2010); além da discussão a respeito da liquefação dos sentimentos devido a esse gênero, incluindo os produtos *Vai Dar Namoro* – da Rede Record –, *Beija Sapo*, *A Fila Anda*, *LUV MTV* – os três da MTV –, *Quer Namorar Comigo?*, *Se Rolar*, *Rolou* e o próprio *Rola ou Enrola?* – os três do SBT (SILVA et. al., 2012).

Na tentativa de discutir quais são os efeitos estilísticos responsáveis preencher a narrativa de um quadro de namoro prestes a completar um quadriênio no ar – resistindo em audiência enquanto outros já foram extintos –, questionou-se o que há de peculiar, em sentido comunicacional e cultural, no objeto em evidência. Ao selecionar como recorte a exibição do *Rola ou Enrola?* em 15 de março de 2015, buscou-se, por meio de uma análise estilística do conjunto audiovisual, pautada nos estudos todorovianos e lotmanianos, conhecer a construção de um produto televisivo de cunho afetivo e seu suposto reflexo na sociedade telespectadora.

Diferente de outros trabalhos no ramo dos estudos estilísticos para cinema e televisão, optou-se por não adotar as teorias aprofundadas por Bordwell (2013) e por Butler (2010) na metodologia, uma vez que a concepção de estilo abarcada por esses autores é predominantemente técnica: a desconstrução aborda exclusivamente tipos de enquadramento, iluminação, posicionamento de câmera, etc. Entende-se, aqui, que, numa obra audiovisual, analisar estilisticamente seria aprofundar o olhar não apenas na parte técnica, mas também na composição conteudista, isto é, seria identificar os recursos expressivos de que se pode fazer uso na elaboração da narrativa.



Analisar a estilística de um quadro de programa de auditório – que, acima de qualquer condição, pode ser entendido como texto confeccionado nas camadas verbal, sonora e visual – seria, portanto, unindo-se a Todorov (1971; 2006) e a Lotman (1978; 1993), explorar as quatro esferas que cercam a narrativa: forma, construção, sonoridade e significação. Defende-se, aqui, que, com a Estilística, extrapola-se o que uma “gramática do vídeo” poderia entender como morfologia, sintaxe, fonética e semântica. Em outras palavras, considera-se, aqui, que a técnica é apenas uma partícula do estilo que perpassa a narrativa.

### **Prefácio (ou predifícil)**

O *Rola ou Enrola?* não se encontra registrado, no site do Sistema Brasileiro de Televisão, dentre os quadros do programa Eliana. É possível localizar os seguintes quadros: *Nó na Língua*, *Fenômenos do YouTube*, *Beleza Renovada*, *Sueli em Sua Casa*, *Rede da Fama*, *Quer Casar Comigo?*, *Ciência em Show*, *Família Pede Socorro*, *Reencontro* e *Adóogo*. Nada, no entanto, faz referência ao semanário *Rola ou Enrola?*, que ocupa cerca de 60 minutos de um programa de quatro horas.<sup>3</sup>

Na seção destinada às inscrições, no entanto, há um espaço exclusivo para os que desejam participar do quadro. Outros quadros, também ausentes na página adequada a eles, aparecem nessa listagem – são os casos de: *Força do Bem*, *Entrega Pra Você* e *Desafio Pet*. Ao lado do botão “inscrever-se”, existe a seguinte definição, *ipsis litteris*: “Você acha que homem é capaz de tudo pra conquistar uma mulher? Vocês não viram nada!”. Apenas nesse trecho, redigido aparentemente para atender ao nível coloquial de linguagem e se comunicar com o espectador/leitor de maneira informal, é possível detectar alguns recursos de estilo adotados pela produção do programa.

A presença do “você” propõe uma ligação íntima com o espectador/leitor. Faz-se uso, aqui, da função conativa de linguagem (MARTINS, 2008), que implica unir as duas pontas da linha midiática responsável pela comunicação entre os elementos – grupo televisivo e telespectador. Além disso, ao inserir um questionamento seguido de uma frase de indicação, leva-se a crer que a emissora deseja que o espectador/leitor aceite que ele também faz parte do processo de criação, que o canal desenvolve uma relação de

---

<sup>3</sup> Em 19 de março de 2015, após a coleta para esta pesquisa e contato eletrônico com a emissora via Fale Conosco, o SBT anunciou, pelas redes sociais, a atualização da página destinada ao programa Eliana. O *Rola ou Enrola?*, no entanto, permaneceu ausente da listagem de quadros.



alteridade, preocupando-se com a participação do outro, do telespectador que é convidado a deixar a passividade da recepção de lado e atuar como um cocriador do produto em questão.

Nota-se, ainda, que o “você” ganha um plural logo no início da segunda oração, o que pode se configurar uma silepse de número, isto é, a mistura de singular e plural dentro da mesma expressão para se dirigir a um mesmo espectador/leitor. Talvez esse fenômeno tenha ocorrido com o propósito de ampliar o público a que se destinada: o enunciado se inicia com uma abordagem branda, fazendo referência ao indivíduo, mas se encerra em abrangência coletiva. Além disso, tem-se em mente que a silepse é uma figura que pode ser provocada pela polissemia, derivada da “ausência de relação biunívoca entre os sons e os sentidos” (TODOROV, 2006, p. 57), ou seja, deixa-se de existir uma relação única entre cada um dos elementos de dois conjuntos distintos. Com isso, torna-se viável refletir que, com a silepse, o “você” da primeira oração não necessita ser distinto do “vocês” da segunda oração, o que permite que ambos os termos possam ser considerados significantes de um mesmo referente – no caso, o espectador/leitor.

Outro recurso, semelhante à silepse de número, utilizado no texto é a metonímia do singular pelo plural. O termo “homem” aparece sem determinantes, enquanto o termo “mulher” é precedido de artigo indefinido feminino. Com isso, leva-se a crer que não se trata de um único homem, nem de um homem específico, e sim de um grupo de homens, o gênero masculino, que tenta conquistar uma única mulher – indeterminada, embora quantificada – em um mesmo tempo, no tempo presente, atribuindo à metonímia o caráter de “combinação *in praesentia*” (LOTMAN, 1993, p. 27). Dessa forma, sugere-se que o poder de escolha da mulher, o direito de optar pelas alternativas masculinas que lhe são apresentadas, fica em evidência.

Há uma série de questionamentos, ainda nesse enunciado, que resultariam, somente eles, numa pesquisa acadêmica: qual teria sido o sentido aplicado ao adjetivo “capaz”? Haveria ambiguidade no verbo “conquistar”? Por que ter-se-iam optado pela utilização de “pra” em vez de “para”? Qual teria sido a intensão discursiva para negar uma negativa, na segunda oração do período? Existiria relação entre o “tudo” na primeira oração e o “nada” na segunda oração? E na dicotomia interrogativa/exclamativa? No entanto, visto que uma análise linguística desse porte, que tende a inclinar para a hermenêutica, não é o foco deste trabalho, encerram-se aqui as reflexões acerca do texto verbal.



## Enrolando-se na diegese

Às 18h06 de 15 de março de 2015, entra no ar, durante o programa *Eliana*, pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), um episódio inédito do *Rola ou Enrola?* (ELIANA, 2015). A data, por sua vez, foi marcante para a História Brasileira Contemporânea, visto que houve, em todas as regiões do País, aglomerados de manifestantes contra a corrupção e contra a atual gestão do Governo Federal (PROTESTOS, 2015). Devido ao fato, o programa *Eliana* foi interrompido, algumas vezes, pelos plantões do SBT, desconfigurando trechos da atração – como o quadro *Eliana Visita*, previamente anunciado, mas não exibido.

No quadro *Rola ou Enrola?*, no entanto, acredita-se que não houve perdas significativas ou que viessem a comprometer as análises. Ao iniciar a diegese – ou seja, o mundo construído pela narrativa – com palmas da plateia, o que poderia representar que ele estaria sendo esperado e, portanto, muito bem-vindo, a apresentadora faz a chamada inicial: “*Minha gente, o negócio tá sério. Segundo o IBGE, existem no Brasil 5 milhões de mulheres a mais do que homens...*” A fala dela é interrompida, neste ponto, por um “irra” emitido pela sonoplastia. No instante seguinte, ela continua: “*Ou seja, não tá fácil pra ninguém. Começa agora: Rola ou Enrola?!*”.

Apenas nessa introdução, é possível notar a presença de duas vozes, de dois discursos: um estatístico, pautado em números obtidos por pesquisas e índices geográficos; outro mais coloquial, com expressões-chavão e abreviações. A reação esperada para a informação, acima de tudo, é traduzida pela interjeição difundida pelo sonoplasta: “irra”, neste caso, vem a ser um sinal de alerta para representar que a situação anda acirrada, disputada.

Após anunciar o nome do quadro, a voz da apresentadora dá espaço à vinheta inicial, momento em que a câmera registra a logomarca do quadro no chão do palco – um círculo vermelho preenchido por um coração na parte de baixo e no qual traz inscrito o nome do quadro, além das luzes em forma de estrela circulando em cima (Figura 3). Antes mesmo de a imagem da apresentadora voltar à cena, ela dá a ordem: “*Mulheres, podem entrar!*”.

Ao som de will.i.am (*featuring* Mick Jagger & Jennifer Lopez)<sup>4</sup>, entram as cinco participantes – a saber: Marcelle, Deisy, Camila, Carol e Kelly. Cada uma das garotas, já

---

<sup>4</sup> will.i.am – T.H.E. Disponível em: <<https://youtu.be/vjIwmJMqrco>>. Acesso em: 15 mar. 2015.



presentes em programas anteriores, sustenta uma personalidade peculiar: lasciva, intelectual, consumista, conservadora e liberal, respectivamente. Embora elas já sejam conhecidas do público e tragam uma plaquinha no peito informando seus nomes, a apresentadora os repete em voz alta, conforme elas vão aparecendo. A música eletrônica, de certa forma, traz um ar de festa, balada, fortalecendo a animação no palco. A plateia, em palmas ritmadas e gritos de “uh, uh, uh”, corroboram o sentimento de alegria, descontração.

A apresentadora desce do pedestal em que se encontra e se dirige ao meio do palco para conversar com as moças, indignada com o retorno delas – especialmente com o de Kelly, que, segundo a própria Eliana, havia escolhido um “bofe” (*ipsis litteris*) perfeito no programa anterior. Em seguida, a apresentadora chama o vídeo gravado com os pretendentes, que explicaram sua versão de por que o relacionamento não vingou. Como o pretendente da Deisy não aparece no vídeo, Eliana interroga a moça: “*Ele não quis sair contigo?*”. Deisy tenta se explicar, mas é atropelada pela afirmação de Eliana, que evita os circunlóquios: “*Ele não quis sair contigo*”. A plateia se expressa com “ih” e “ah”, enquanto a sonoplastia dispara o jargão “Toma, distraída!”, seguida de risos eletrônicos.

Com feição de indignada, a apresentadora chama o *videotape* do encontro entre Kelly e o rapaz que ela havia escolhido. Ambos foram passear no zoológico, onde o rapaz iria mostrar à moça o que ele denominou como “pegada do macaco”. Outros trocadilhos surgem ao longo do vídeo: “Você tá de fralda? Bundão!”; “Eles [os flamingos] têm a perna bem fininha, né? Parecem com as suas!”; “Você acha o gato do mato mais bonito que o gato da cidade?”. A imagem volta ao palco e a apresentadora conversa brevemente com Kelly antes de chamar o primeiro candidato.

Apenas nessa parte, já é possível notar a intimidade que se estabelece entre narradora (Eliana) e personagens (participantes), bem como entre a narrativa criada e os possíveis leitores: o público (em casa) é convidado para participar da vida pessoal das garotas, podendo, sobretudo, palpitar, sendo suscetível ou não às reações da plateia, que, comunicando-se apenas por onomatopeias, consegue atuar como deuteragonista dessa narrativa, colaborando para enfatizar, realçar o comportamento que se espera do telespectador diante das situações. O jogo audiovisual que torna umbilicadas iluminação e trilha musical demarca o contexto que o programa aparentemente pretende transmitir: arrumar namorado, por mais complexo que possa parecer, também pode ser divertido.

O primeiro candidato, então, entra na esteira. Chama-se José Alberto e é colombiano. Com uma máscara de Ricky Martin, o rapaz, que mal consegue se expressar



em português e faz uma breve apresentação arriscando-se no portunhol, usa seus 60 segundos para dançar ao som de *Living la vida loca*. Muita palma ritmada; muito barulho de interjeições; muita luz piscando; plateia mexendo o corpo, em plano conjunto, apresentadora dançando ao lado do pedestal, em plano americano... O rapaz, no centro do palco, exibido em plano médio, torna-se um mero figurante na cena, que é composta principalmente pelo que está a seu redor; mesmo assim, ele é a estrela da vez até que o tempo se esgote.

Em contraponto, o gerador de caracteres (GC) estampa, com um trocadilho, a interrogativa: “Será que alguém vai aceitar o convite para viver a ‘vida loca’?”. Novamente, o telespectador é convidado a participar do enredo, torcer para que o rapaz seja ou não seja escolhido por uma das garotas. Visto que é esperado que o candidato seja um anônimo, não acostumado a se portar diante da câmera, a apresentadora conversa com ele, brincando com sua atuação no palco, fazendo piadas, oferecendo risadas e procurando entender mais sobre o seu perfil pessoal, familiar e profissional.

Sousa (2011) repara esse tipo de comportamento no programa *Roda a Roda*, também do SBT, em que Silvio Santos, na tentativa de aliviar a adrenalina dos concorrentes – a maioria, pela primeira vez em rede nacional – estabelece uma conexão paralela àquilo que estaria programado no roteiro do programa. Outro fator mencionado aqui, também defendido por Sousa (2011) nos programas do Silvio Santos, é a relevância dada ao outro – no caso, o público telespectador. Ele não é apenas um leitor passivo do texto midiático que se desenrola, mas um convidado a acreditar que pode ajudar no desenvolvimento da história, o que lhe gera a ilusão de ser um coprodutor, um colaborador a distância do programa *Eliana*.

Notando que o candidato ainda está usando a máscara, Eliana lança uma indireta para a plateia, alegando que seria interessante que ele tirasse o acessório. A plateia, portanto, grita eufórica: “Tira! Tira! Tira!” – e deduz-se que o telespectador também estaria desejando isso. Com o rosto revelado e a conversa com a apresentadora encerrada, o candidato é colocado sob a pressão do interrogatório feito pelas participantes. Camila é a primeira a perguntar e deseja saber se ele “se identifica com o Ricky Martin em tudo”. A sonoplastia se encarrega de inserir um gritinho já considerado um estilema estereotipado para caracterizar o homem gay. Ele responde que apenas dança como o cantor, e Deisy entra em um novo assunto: o fato de já ter morado na Colômbia por um ano e conhecer muitas coisas do País. Eliana a interrompe com o questionamento: “Quem?”, ao que Deisy responde: “Eu” e é replicada pelo trocadilho de Eliana: “Quem...





perguntou?!”. A sonoplastia emite um som de soco, seguido de grito de dor, relincho e risada. Risos no palco, aplausos na plateia e, mais uma vez, o objetivo do programa é deixado de lado para dar espaço ao humor.

Retomando o foco, Eliana pede para as garotas mostrarem a placa. Quatro optam por “Tô fora!”, incluindo Deisy e Camila, que, *a priori*, mostraram-se interessadas. A única a mostrar “Eu quero” é Carol, que se manteve “quietinha, mas quer”, nas palavras da apresentadora. A plateia, exibida novamente em plano conjunto, cantarola, em palmas ritmadas, “Vai, Carol!”, colocando os ombros para a frente e retraindo-os, repetidas vezes, até que a moça se levante, cole um adesivo com seu nome no candidato e volte ao seu lugar. O rapaz escolhido se retira para a lateral do palco, onde há um pedestal com o nome das cinco participantes; ele se posiciona em cima do nome “Carolina”.

Eliana chama o candidato seguinte e o processo se repete: exibição pessoal de um minuto, conversa com a apresentadora, interrogatório com as garotas, momento da escolha – tudo feito com muito brilho, muito berro, muito riso, muito desvio de foco, muitos fatores determinantes de alto-astral bastante elevado. Os candidatos, por sua vez, exibem-se nos trajes mais amalucados imagináveis: Gabriel, por exemplo, aparece vestido de bebê (apenas de touca, babador, fralda e chinelos) e, além de falar com voz fina, imita trejeitos homossexuais. Após sua atuação, todavia, Eliana anuncia a presença do Curinga – figura que será focalizada mais adiante –, com o qual conversa em vários momentos do programa. Com a chegada do terceiro candidato, contudo, há a inclusão de um outro personagem na narrativa.

Lucas é o terceiro candidato e chega vestido como mágico. Traz nas mãos uma cartola da qual tira presentes para as meninas: um gel redutor de gordura localizada para a Marcelle; um par de chinelos para a Deisy (chamando-a, equivocadamente, de Denise); um contrato de separação de bens para a Camila; um bilhete de *spa day* para a Carol dar de presente à mãe e deixá-los sozinhos; e um vale-rodízio para a Kelly, com direito a espeto de picanha e muita linguiça. O duplo sentido, aliás, presente em muitos momentos do quadro, é um fenômeno fundamental para a consolidação da comicidade.

Na conversa que Eliana estabelece com o rapaz, ela pergunta se ele também dança; em resposta, ele responde que é funkeiro e íntimo do sertanejo. Ao som de um funk, seguido de Macarena, ele se requebra no centro do palco, mas logo é interrompido por Eliana, que critica o remelexo. As participantes, em defesa do rapaz, alegam que o blazer está atrapalhando e o induzem a tirar a camisa. A plateia, novamente, grita eufórica: “Tira! Tira! Tira! Tira!”. A sonoplastia complementa a cena com sirenes de bombeiro. Uma música





sensual ganha espaço e Lucas faz charme para tirar a roupa; ao começar a desabotoar a camisa, no entanto, Eliana berra o bordão que já se consagrou no dominical: “Chama o Bombeiro!”, prezando pelo alongamento no último “o”, insinuando urgência, desespero. Aparece, então, o Bombeiro.

### **Personagem em chamadas**

O personagem Bombeiro é a representação da virilidade, o símbolo da masculinidade e do encanto aos olhos femininos. Quando a apresentadora grita o estilema “Chama o Bombeiro!”, as mulheres da plateia se ensandecem com o rapaz musculoso e fardado que entra com um extintor na mão e ao som de um funk, cuja letra se resume na repetição de: “Chama o bombeiro! Tá com fogo na frente, fogo no bumbum”<sup>5</sup>. Ele brinca com as participantes, com o auditório e com a própria apresentadora, borrifando uma parcela de pó químico nos presentes.

Não se trata de um profissional credenciado, que visa realmente ao combate de incêndios, mas de Brunno Camargo, modelo contratado unicamente para essa função. Embora ele componha o *Rola ou Enrola?*, não é exclusivo do quadro: às vezes, o Bombeiro também aparece no *Rede da Fama* e em outros momentos em que a estética corporal de um indivíduo (normalmente do sexo masculino) acarreta em ânimo intenso nos corpos alheios (geralmente do sexo feminino). O Bombeiro é invocado na tentativa metafórica de “apagar o fogo” daquelas que estão exaltadas.

Fazendo um breve levantamento sobre a carreira artística de Brunno, descobrem-se algumas curiosidades: o modelo, que foi vencedor do I Concurso Nacional de Strippers, também estampou a capa da 172.<sup>a</sup> edição da revista G Magazine, voltada ao público homossexual masculino (A EDIÇÃO, 2012). Além disso, o modelo ainda é garoto-propaganda da campanha *Perturbe, Por Favor*, da marca 269 Chilli Pepper Single Hotel (269 CHILLI, 2014), estabelecimento equipado com saunas, piscinas e bar para atender apenas clientes do sexo masculino – em sua notável maioria, que têm interesse sexual em outros homens.

Uma nova série de questionamentos surge neste ponto: como se desenvolve a metáfora do Bombeiro como personagem para enfeitar os momentos alvoroçados sexualmente? Existe uma conexão entre o ritmo da música que preenche a trilha sonora e

---

<sup>5</sup> MC K9 – Chama o Bombeiro. Disponível em: <[https://youtu.be/kzFtNB\\_\\_5HU](https://youtu.be/kzFtNB__5HU)>. Acesso em: 15 mar. 2015.



a imagem que se desprende? Qual teria sido o motivo da escolha de um ator/modelo previamente estilematizado como símbolo sexual do público gay? Como a televisão colaborou para a alteração das (ou o incremento de novas) marcas estilísticas? De que maneira se dá a transição, no audiovisual, entre os diferentes públicos? Entretanto, como este não é propósito da pesquisa, encerram-se aqui as divagações acerca do personagem.

### **Uma carta dentro do baralho**

O personagem do Bombeiro entra outras duas vezes no episódio do *Rola ou Enrola?* analisado; uma delas é quase no final do programa, quando o Curinga é revelado. Inspirado na carta de baralho de mesmo nome, cuja função é atribuída de diferentes maneiras, dependendo do jogo, o Curinga é um personagem transformativo, visto que sua imagem se renova a cada programa. Trata-se de um candidato “extra”, que fica posicionado durante todo o tempo de duração do quadro atrás de um biombo, respondendo às perguntas feitas pela Eliana e pelas cinco participantes. Ninguém vê nada além de sua silhueta, conhecendo-o somente pela sombra, pela voz e pelas respostas que forneceu ao longo do episódio. Ao final do programa, quando os candidatos da esteira se esgotaram, a apresentadora pede para as participantes levantarem a placa, mostrando quem quer trocar o homem que já escolheu pelo Curinga.

No recorte analisado, o Curinga é focalizado nos dez minutos finais. A conversa, neste momento, inicia com a pergunta de Eliana: “*Você tá a fim de namorar sério ou tá a fim só de ficar?*”, para a qual segue a resposta: “*Eu quero namorar sério. Cansei dessa vida de bagunça. Eu quero uma pessoa bacana*”. Outras perguntas sobre fidelidade, definição de personalidade e filosofia de vida, recebendo comentários – defensivos e agressivos – das cinco participantes. Ainda sem que elas tenham visto o rapaz, Eliana pede para que mostrem a placa. Marcelle, Deisy e Camila exibem a frase “Eu quero”, dispostas a trocar pelo Curinga o candidato que já tinham escolhido. A plateia grita em tom de surpresa, e Carol e Kelly são interrogadas sobre os motivos que as levaram a tomar a decisão de não querer trocar.

Após a justificativa das moças, Eliana convida o Curinga a se dirigir ao palco. Ao rasgar o tecido que envolve o biombo, a plateia berra em exaltação devido à beleza física do rapaz, que desfila ao som de Ne-Yo (*featuring* Juicy J)<sup>6</sup>. Seu nome é revelado: Diego.

---

<sup>6</sup> Ne-Yo – She Knows. Disponível em: < <https://youtu.be/9-KiYo4BwVI> >. Acesso em 22 mar. 2015.



Como ele havia informado anteriormente que não admira garotas que pés feios, as três participantes que o escolheram são convidadas a mostrar seus pés. No final, Diego escolhe Marcelle, que comemora, levanta-se para colar o adesivo no rapaz e aproveita para beijá-lo, também com *She Knows* como trilha sonora.

Diante do beijo de língua protagonizado pelo casal, a plateia grita, sirenes disparam, e Eliana, tentando esconder a cena com o próprio corpo, chama novamente o Bombeiro. A música de Ne-Yo é interrompida e o funk do MC K9 ocupa o espaço. O Bombeiro entra pela esteira, dispara o extintor em cima de Marcelle e no Curinga e corre pelo palco borrifando pó químico, enquanto o auditório grita, as luzes balançam, a sonoplastia emite algumas interjeições, a câmera tenta registrar o Bombeiro e o Curinga intercaladamente, e a amálgama de elementos componentes surgidos ao longo da narrativa consolida o momento, que, por isso, pode ser compreendido como clímax.

Por fim, ao som de will.i.am, Eliana se despede dos casais formados: Marcelle e Diego (Curinga), Deisy e Bruno, Camila e Leonardo, Carol e Lucas, Kelly e Edson. Um a um, eles sobem na esteira, que movimentada-se levando-os para fora de cena. Eliana, então, informa: “*Esse foi o nosso Rola ou Enrola?!*”, evidenciando o pronome “nosso” e incluindo o público como parte do processo. Em seguida faz os agradecimentos: “*Obrigada pela sua audiência. Obrigada pelo seu carinho. Fica com Deus. Beijo da família e até semana que vem.*” Entra a música temática<sup>7</sup> do programa e Eliana se despede: “*Tchau, gente. Valeu!*”. A câmera se abre em posicionamento contrapicado e registra, em plano geral, Eliana, o cenário como um todo e parte dos profissionais responsáveis pela execução do programa.

## **Desfecho rolante**

*Rola ou Enrola?* é um produto televisivo cujo estilo demonstra forças para resistir a uma época em que programas de namoro na cultura audiovisual brasileira estão ficando desgastados. Os mais recentes, por exemplo, *Quem Quer Casar com Meu Filho?* (Rede Bandeirantes), *Me Leva Contigo* (Rede Record) e *Papito in Love* (MTV) foram descontinuados por suas respectivas emissoras. Já os quadros similares, *Namoro Com...* (Eliana), *Se Virar, Tem Que Beijar* (Domingo Legal) e *Eu Vou Beijar Você!* (Silvio Santos) são veiculados pelo próprio SBT, de forma esporádica, geralmente em período

---

<sup>7</sup> Eliana – Abertura. Disponível em: <<https://youtu.be/yvVGhffJHTE>>. Acesso em: 22 mar. 2015.



de hiato do *Rola ou Enrola?* ou quando a audiência da emissora parece clamar por mais entretenimento do gênero.

Esta análise, embora sem um compromisso prévio, vai ao encontro dos pressupostos metodológicos testados por Lyra (2015, informação verbal)<sup>8</sup> para análise de obras audiovisuais. A proposta desenvolvida pela respectiva pesquisadora é destrinchar o objeto em quatro dimensões: 1. Desconstrução fílmica: desmanche da pele do produto audiovisual, compreendendo-o em banda som e banda imagem, envolvendo posicionamento de câmera, enquadramento e outros fatores de técnica e forma, sem que se pare a obra; 2. Contextual: parte sociocultural e histórica que norteia a obra; 3. In-out: relação entre a obra e a mídia que o veicula, envolvendo fatores externos à sua produção; 4. Mix: inserção de opiniões, comparações e conexões temporal-espacial, a critério do pesquisador.

Nesta análise, o que ficou constatado é que o estilo do *Rola ou Enrola?* se consolida não somente pelo conteúdo, propondo algo inédito a cada semana – a ansiedade em saber quem serão os candidatos e como eles se exibirão, por exemplo, além dos trocadilhos inventados espontaneamente pelas participantes e pela apresentadora –, como também pela forma: é uma obra televisiva que parece reconhecer, nas técnicas de iluminação e sonoplastia e no envolvimento com a plateia, sua devida importância para confecção do todo. Nota-se, portanto, que a edição do *Rola ou Enrola?* denota uma participação coletiva que vai além dos elementos visíveis em cena.

A sonoplastia, como supramencionado, tem um estilo audaz que colabora na condução da narrativa. Desde as pequenas unidades sonoras – como gritos, choros, menções a socos e imitações de flatulência – até a trilha musical – uma amálgama que vai do sertanejo ao funk, do pop internacional ao folk latino –, é a comunicação sonora que ajuda a contextualizar as situações que se desenvolvem. A iluminação, por sua vez, tem peso equivalente, uma vez que é a irradiação dos brilhos e das cores claras e movediças/piscantes que personaliza o sentimento do programa. Estas são a maior contribuição estilística do *Rola ou Enrola?*: a sensibilidade não se manifesta, de modo exclusivo, por meio de palavras, e sim, principalmente, pelas luzes e pelo som: eles traduzem a animação, a euforia, o ritmo acelerado e alto-astral do quadro, concatenando-se com o *slogan* “a TV mais feliz do Brasil”, adotado pelo SBT desde 2009.

---

<sup>8</sup> Explicações da professora Dr.<sup>a</sup> Bernadette Lyra, na aula de 20 de março de 2015 da disciplina *Comunicação Audiovisual e Teorias do Contemporâneo II*, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (nível Doutorado) da Universidade Anhembi Morumbi.



A plateia também tem sua grande parcela de contribuição para a estilística do quadro e consequente composição da narrativa, uma vez que ela é o representante no palco do telespectador. Mesmo que a comunicação do auditório fique limitada a onomatopeias e curtas frases de efeito, é esse coletivo que se torna responsável por elevar o ânimo da narrativa, preenchendo possíveis lacunas do audiovisual e despertando, nas pessoas em casa, a vontade de dialogar com o enredo. A alteridade, nesse caso, é evidente, pois propõe ao telespectador uma pseudossensação de cooperatividade no desenvolvimento do quadro, como se nada do que estivesse ali pudesse acontecer sem o apoio e as reações de quem está na frente da tela – o que não é verdade, visto que o programa sequer é ao vivo<sup>9</sup> e não permite contato direto (via telefone, e-mail, redes sociais ou outra forma de comunicação) com o público.

A não linearidade também deve ser compreendida como um grande achado. Por mais que a forma, levando em consideração os elementos estruturais, seja semelhante a cada passagem (a cada atuação de candidato, por exemplo), inexistem uma sintaxe fixa, já que diversos desvios de foco e diálogos não roteirizados ocorrem a todo instante e, de certa forma, tornam a harmonia mais *light*, sem a característica engessada de programas fielmente roteirizados e que não devem, em nenhum momento, sair do controle de seus produtores. O resultado, sobretudo no recorte analisado, pode ser notado na audiência: 8,5 pontos em São Paulo durante o programa Eliana, acima da média-dia do SBT, que foi de 7,2 (CONSOLIDADOS, 2015).

Para encerrar este pensamento, cabe dizer que, se fosse necessário resumir em uma máxima a estratégia estilística que consagra o *Rola ou Enrola?*, esse termo seria “gramaticalidade do espontâneo”. Tal como o telespectador, embora tenha uma ideia inicial sobre o que esperar do quadro, não tem um itinerário que se deve seguir para caminhar pelos veios do programa, a produção acaba tendo uma projeção exata do que ocorrerá somente após o término das gravações, visto que o desenvolvimento é passível de surpresas que resultam em desfecho rolante. Essa simulação da naturalidade, muitas vezes corroborada pelos editores, é que tende a atrair o público.

---

<sup>9</sup> A partir de 29 de março de 2015, após a coleta dos dados para esta pesquisa, o SBT decidiu exibir a atração ao vivo, interagindo com o público pelo Twitter (por intermédio da hashtag #ElianaAoVivo, com mediação de Rodrigo Banguela, jurado do quadro *Famosos da Internet*) e com os passantes no Shopping Aricanduva (em São Paulo, com mediação da personagem Narcisa, também jurada do *Famosos da Internet*). Nos domingos seguintes, 5 e 12 de abril de 2015 (data de conclusão deste artigo), no entanto, o quadro *Rola ou Enrola?* não foi exibido. A justificativa, via perfil não oficializado do quadro no Twitter (<https://twitter.com/RolaOuEnrolaSBT>), é que a produção do programa estaria estudando maneiras de adaptar o quadro para atender às expectativas da modalidade ao vivo.



## REFERÊNCIAS

- 269 CHILLI Pepper Single Hotel. **Perturbe, Por Favor**. 2014. Disponível em: <<http://www.hotelchillipeppersp.com.br/#!teaser-hotel/c1mb6>>. Acesso em: 15 mar. 2015.
- A EDIÇÃO 172 da revista G já está nas bancas. **Sertania Vip**. 31 out. 2012. Disponível em: <<http://sertaniavip.blogspot.com.br/2012/10/a-edicao-172-da-revista-g-ja-esta-nas.html>>. Acesso em: 15 mar. 2015.
- BORDWELL, David. **Sobre a História do Estilo Cinematográfico**. Campinas: Unicamp, 2013.
- BUTLER, Jeremy. **Television style**. New York: Routledge, 2010.
- CONSOLIDADOS + Média Dia SP – Domingo 15 de Março de 2015. **Conexão TV**. 16 mar. 2015. Disponível em: <<https://conexaotvaudiencia.wordpress.com/2015/03/16/consolidados-media-dia-sp-domingo-15-de-marco-de-2015/>>. Acesso em: 22 mar. 2015.
- ELIANA. Direção de Ariel Jacobowitz. São Paulo: SBT, 2009-, semanal, 240 min., telev., son., color. Disponível em: <<http://www.sbt.com.br/eliana/>>. Acesso em: 13 mar. 2015.
- ELIANA estreia o divertido quadro "Rola ou Enrola" neste domingo. **Sistema Brasileiro de Televisão**. 2011. Disponível em: <[http://www.sbt.com.br/eliana/noticias/8643/Eliana-estrea-o-divertido-quadro-Rola-ou-Enrola-neste-domingo-.html#.VQJjR\\_nF-eQ](http://www.sbt.com.br/eliana/noticias/8643/Eliana-estrea-o-divertido-quadro-Rola-ou-Enrola-neste-domingo-.html#.VQJjR_nF-eQ)>. Acesso em: 13 mar. 2015.
- ELIANA (15/03/15) – Coringa gato atíça a mulherada no Rola Ou Enrola. Direção de Ariel Jacobowitz. São Paulo: SBT, 2015, 56 min., telev., son., color. Disponível em: <<http://www.sbt.com.br/eliana/videos/?id=6848e0f07d33ea4cc69eb2f9c03ec329>>. Acesso em: 17 mar. 2015.
- ENDEMOL Brasil. **Conveyor Belt of Love: O romance rola solto durante o programa**. Reality / game show. Disponível em: <<http://www.endemolbrasil.com.br/o-que-fazemos/conveyor-belt-of-love>>. Acesso em: 13 mar. 2015.
- FERNANDES, Ana Cláudia. **Namoro e família na televisão: análise do programa de auditório "Em Nome do Amor"**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- GALVÃO, Lúcia Maria Noya Muniz da Rocha; DUCA, Débora César de Araújo Cavalcanti. Modernização em programas televisivos de relacionamento e o comportamento juvenil na perspectiva do comportamento consumidor. **Mercatus Digital**, n. 1, 2010, p. 83-96.
- LOTMAN, Iuri. **A estrutura do texto artístico**. Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Departamento de Linguística e Línguas Orientais. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. USP: São Paulo, 1978.
- \_\_\_\_\_. La retórica <Traducción>. **Escritos**, Revista del Centro de Ciencias del Lenguaje, Puebla, Pue (México), n. 9, jan./dec. 1993, p. 21-46. Disponível em: <<http://biblat.unam.mx/pt/revista/escritos-revista-del-centro-de-ciencias-del-lenguaje/articulo/la-retorica-traduccion>>. Acesso em: 31 out. 2014.
- LYRA, Bernadette. **Análise Fílmica – Dimensões**. Aula. 20 mar. 2015. Comunicação Audiovisual e Teorias do Contemporâneo II. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2015.



MARTINS, Nilce Sant'Anna. **Introdução à estilística**: a expressividade na língua portuguesa. 4.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Edusp, 2008.

PROTESTOS contra a corrupção e o governo ocorreram em todas as regiões do Brasil. Política. **Empresa Brasil de Comunicação S/A – EBC**. 15 mar. 2015. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/politica/2015/03/protestos-ocorrem-em-todas-regioes-do-pais>>. Acesso em: 22 mar. 2015.

SOARES, Rosângela. Fica comigo: youth and love/sexual pedagogies on MTV. **Educação em Revista**, n. 46, 2007, p. 311-335.

SILVA, André Araújo da et. al. A descartabilidade dos relacionamentos humanos em programas televisivos: Uma análise crítica dos quadros de namoro na TV. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 35. **Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação / Intercom Júnior – Comunicação Audiovisual**. Fortaleza: Intercom, 2012, p. R7-1303-1.

SOUSA, Silvia Maria de. **Silvio Santos vem aí**: programas de auditório do SBT numa perspectiva semiótica. Niterói: Editora da UFF, 2011.

TODOROV, Tzvetan. As categorias da narrativa literária. In: BARTHES, Roland; GREIMAS, A. J.; BREMOND, Claude et al. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1971, p. 209-254.

\_\_\_\_\_. Linguagem e Literatura. In: \_\_\_\_\_. **As estruturas narrativas**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.